



Radiação electromagnética pode ser inócua mas “não é natural”

Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra alerta para cuidados a ter na utilização dos telemóveis

■ A maioria dos utilizadores de telemóvel desconhece os níveis de radiação do seu aparelho, preocupando-se mais com questões estéticas ou tecnológicas quando tem de escolher um modelo, alertou o especialista Santos Rosa.

O professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra adverte que o utilizador comum ainda não se consciencializou da problemática das radiações electromagnéticas e dos seus efeitos na saúde humana.

«As pessoas compram os telemóveis por serem bonitos, por terem ou não 3G, porque tem um câmara melhor, tem ou não mp3 e nunca vêem o SAR» (Specific Absorption Rate, em português Taxa de Absorção Específica, a quantidade de energia que o corpo absorve quando se está ao telemóvel).

«No outro dia tinha 200 alunos à minha frente e acho que só três viam o SAR», referiu à Agência Lusa.

Na Europa, o limite de SAR estipulado é de 2,0 watts por quilograma, calculados sobre dez gramas de tecido corporal, o mesmo que em Portugal.

Santos Rosa diz que este é o «chamado limite prudente perante as condições práticas que existem», nomeadamente a falta de consenso na comunidade científica sobre os efeitos das radiações electromagnéticas na saúde humana, «mas não é seguramente o limite que biologicamente devêssemos querer».

O valor de SAR varia consoante o modelo de telemóvel, se o utilizador está numa zona de boa ou má cobertura e, inclusive, um mesmo modelo pode ter níveis diferentes de radiação.

«Basta haver uma ligeira alteração no material em que é feito o telemóvel, como a capa, para alterar o valor de energia que a cabeça vai absorver», refere Daniel Sebastião, investigador do Instituto das Telecomunicações (IT).



CRIANÇAS devem usar moderadamente o telemóvel

Efeito térmico elevado pode provocar danos na saúde

Para Santos Rosa, a radiação electromagnética «pode até ser inócua», mas trata-se de algo «que não é natural», pelo que recomenda «bastante cuidado, tendo em conta que um ambiente artificial pode ter consequências que se desconhecem».

O seu alerta é mais veemente quando estão em causa crianças, aconselhando a moderação no uso do telemóvel «porque a parte cerebral e as defesas imunitárias ainda estão a desenvolver-se».

Segundo Daniel Sebastião o limite de SAR foi estipulado para não se chegar ao «efeito térmico», em que as radiações, «ao atingirem os tecidos, provocam um aumento de temperatura».

«Se [o efeito térmico] for muito elevado pode provocar danos na saúde» e é nisso que os limites estão baseados, explicou.

Daniel Sebastião recorda no entanto que ainda não foi provado que abaixo do limiar térmico não haja efeitos na saúde, mas os estudos realizados «mostram que se os limites forem cumpridos, em princípio não haverá problema».

O mesmo especialista diz ser «mais ou menos consensual que as exposições até 10 anos, em princípio, não provocarão cancro», mas lembra que acima deste período «ainda não existem resultados fiáveis porque há muito poucas pessoas que utilizam o telemóvel há mais de 10 anos».